

Questões E-ssenciais sobre texto, leitura e leitor na Era Digital

Eveline Cardoso (evelinecard@oi.com.br)
<http://lattes.cnpq.br/0002418054837066>

(...) a cibercultura expressa uma mutação fundamental da própria essência da cultura.

Pierre Lèvy, *Cibercultura*, p. 247

Num contexto em que cada vez mais se amplia o espaço de comunicação mediada pelo computador, vivenciamos a consolidação da chamada Cibercultura – o produto das inevitáveis e progressivas mudanças nas maneiras de pensar e agir, nos valores e posturas do homem contemporâneo, conseqüentes do contato com as novas tecnologias (LÉVY, 1999, p.17).

Tal fenômeno, que perpassa as diversas áreas científicas, tem obrigado também os estudiosos da linguagem a buscar novos sentidos para conceitos relativamente definidos na cultura impressa anterior, tais como o de texto, leitura, leitor e da própria linguagem que medeia a sua interação. É sobre essas questões que pretendemos suscitar alguma reflexão nestas linhas, partindo de pesquisa anteriormente desenvolvida de forma mais abrangente¹.

ASPECTOS DE UMA TRIPLA RUPTURA

Avaliando prós e contras do mundo da comunicação eletrônica, Chartier (2002) apresenta uma tripla ruptura introduzida pelo texto digital: uma ruptura com a ordem dos discursos, das razões e das propriedades. A **ruptura com a ordem dos discursos** estaria necessariamente vinculada a uma questão central na discussão em torno dos efeitos das tecnologias digitais: o suporte. É por causa dele que, não mais ligados a vários tipos de objetos que evoluíram durante a consolidação da cultura escrita, os textos se condensaram e se reduziram a um único aparelho: o computador. As páginas que, na Antiguidade, “rolavam” da esquerda para a direita, deixam todo um período de

1 A pesquisa a que me refiro é a monografia final do curso de Especialização em Língua Portuguesa, defendida em dezembro de 2009 junto à Secretaria de Pós-Graduação da UERJ/FFP, cujo título é *T@ @fim de tc?: aspectos do código lingüístico utilizado na interação dos bate-papos virtuais*.

sucessão em laudas e tornam-se um espaço de três dimensões, com profundidade, de onde os textos brotam para alcançar a superfície iluminada.

Conquanto haja atualmente considerável número de publicações que tratam do texto na perspectiva dos gêneros, ainda é escasso o material que investiga as relações entre o suporte e os textos, embora seja esse um fator de grande importância para o estudo da comunicação escrita. Marcuschi (2003) define o suporte como “locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”². Para Bezerra (2007), este elemento que outrora assumia um perfil místico ou demonstrava sabedoria e glória a quem pudesse utilizar, hoje se apresenta como um mecanismo plástico e criativo, possibilitando a relação entre múltiplas semioses de modo nunca antes experienciado. O mesmo autor afirma que, mais até do que o texto, essa “superfície textual” fala, e, dessa forma, participa profundamente da construção de seus sentidos.

Em virtude de sua disposição num espaço digital que comporta múltiplas fontes, gêneros, imagens e sons, o texto naturalmente adquire uma *continuidade*, o que recai diretamente sobre as formas de leitura e sobre o próprio perfil do leitor. Da mesma forma em que, há séculos, se adaptou à evolução do papiro ao códice, bem como da pena ao *bolígraf*³, o leitor vai se acostumando a essa dinâmica “derramada” do texto eletrônico, usando um termo de Chartier, na qual reconhece sempre alguma característica de suas práticas anteriores de leitura. É assim que, como afirma Ribeiro (2007), a relação leitor-suporte-texto se dá num ciclo retroalimentado e retroalimentador:

O leitor se adapta ao novo suporte, ao novo objeto de ler, e o novo objeto vai sendo refinado e projetado de acordo com as demandas do leitor, fundamentadas no uso. Trata-se, então, de um ciclo inteligente e versátil, ao qual, qualquer ser humano deve estar acostumado. (p. 130)

Embora o texto tenha ganhado uma materialidade mais flexível e contínua, diferente da dos textos impressos, o mesmo não se poderia afirmar a respeito da leitura na tela. Retomando o segundo aspecto de ruptura do texto eletrônico apresentado por

2 Apud BEZERRA:2007, p.11.

3 Do espanhol, é a nossa caneta esferográfica.

Chartier, observamos uma **quebra na ordem das razões**, o que significa que as informações não são mais dispostas numa lógica linear e dedutiva, e sim concatenadas por meio do que Lèvy chama “nós ligados por conexões”, ou *links*⁴. Vieira (2007) nos explica essa passagem:

Na *página tradicional de um livro*, em princípio o leitor segue a *ordem linear* estabelecida pelo autor [...]; Há uma trajetória de leitura estabelecida, mesmo que ela pareça natural ou “invisível” [...]. O modo escrito se caracteriza por convenções rígidas e pelo uso canônico de formas textuais. Já numa *home page*, é diferente. Nela a *ordem é aberta, simultânea* e decidida pelo leitor. As informações não se organizam de forma linear, mas se estruturam de forma hierarquizada, ou em rede. A página pode ser acessada através de múltiplos pontos de entrada, possibilitando diferentes roteiros de leitura. (p.245, nota) (grifos da autora).

Graças a esses elos discursivos que remetem o leitor de uma página à outra ao ler na Web, a leitura no ambiente eletrônico acentuou o seu caráter **hipertextual** – dizemos “acentuou”, concordando com que, embora, o termo *hipertexto* tenha sido empregado pela primeira vez em referência a esse ambiente⁵, na verdade, mesmo os primeiros textos em que se percebe a estrutura de um sumário, índice, capitulação ou notas (que remontam ao quarto século da era cristã), podem ser considerados hipertextuais, uma vez que permitem ao leitor empreender de alguma forma uma leitura não-linear, a partir de suas escolhas pessoais.

Xavier (2005) defende que a inovação do texto eletrônico em relação ao impresso é ter transformado essa deslinearização em princípio básico de sua construção. Sendo assim, autores como Ribeiro preferem a distinção entre **hipertexto impresso** e **hipertexto eletrônico**, ressaltando, ainda, que o novo suporte só inova do ponto de vista da velocidade e facilidade, já que a conexão interna entre textos passa a ocorrer mediante um simples *click*.

4 *Links* são entradas, enlances ou nós para blocos de informações nas páginas eletrônicas, que funcionam como dispositivo técnico-informático ou como mecanismo de referência digital, permitindo a existência interconectada do texto eletrônico. (XAVIER, 2001:168, apud VIEIRA: 2007, p. 255, em nota).

5 Segundo Ribeiro (2007), citando Lèvy, a idéia de hipertexto fora concebida por Vannevar Bush, em 1945, para quem a memória e o pensamento humano funcionavam “de maneira múltipla, multimídia, interconectada e de fácil acesso”. O termo propriamente dito teria sido inventado, nos anos 60, por Theodore Nelson, “para exprimir a idéia da escrita/leitura não-linear em um sistema de informática”. (p.139)

Potencializada no contexto virtual, a leitura ganhou um leque infinito de informações disponíveis, e, conseqüentemente, o texto não tem mais fronteiras rigidamente estabelecidas, nem limites para suas interconexões. Para Vieira (2007), o leitor lê na tela com referências e atitudes da leitura impressa e um mesmo leitor adota diferentes posturas conforme suas necessidades de uso. De acordo com pesquisa realizada pela autora com 180 usuários da *Web*, de ambos os sexos e dos três níveis de ensino, apresentam-se três perfis típicos para o leitor virtual, que não são excludentes:

Leitor-usuário (63% da amostra) – faz busca rápida de informação para aplicações práticas, seleciona o que interessa, saltando de um ponto a outro, no próprio ritmo.

Leitor-telespectador (25% da amostra) – busca entretenimento áudio-visual, “efeitos especiais”, imagens, gráficos coloridos, sons excitantes, surpresas, usando o texto apenas como direção.

Leitor-leitor (13% da amostra) – é menos afetado pelos “efeitos especiais”, continua lendo de forma tradicional, adora arquivos, lê “rolando” longos documentos na tela do computador, ou imprimindo para ler no papel. (VIEIRA, 2007, p. 253-4, grifos da autora)

Como se observa, os dados comprovam que o perfil de leitor mais recorrente entre os usuários é aquele que se utiliza do mundo de informações na *Web* de forma prática, sabendo selecionar aquilo que lhe interessa, o que Xavier (2005) chama leitura “*self-service*”.

Xavier ressalta que a leitura de hipertextos pode ser uma faca de dois gumes, pois, ao mesmo tempo em que amplia as chances de compreensão global do texto, pode fragmentá-lo a ponto de deixar o leitor iniciante desorientado e disperso. A pesquisa de Vieira contempla essa ambivalência quando questiona os informantes a respeito das dificuldades de ler na Internet. A autora detectou que boa parte delas é oriunda do excesso e dispersão das informações, que acarretam *stress* cognitivo, cansaço e obstáculos à localização e seleção do que se deseja. Vieira chama a atenção para as implicações pedagógicas desses resultados, uma vez que fica clara a importância do desenvolvimento da habilidade de uma leitura seletiva para o acesso rápido e eficaz às informações em ambiente eletrônico.

Mergulhado, então, nesse mar internáutico de informações que se desenrola numa tela de forma contínua, na qual paralelamente existem milhares de outras

conexões à disposição do *mouse*, o leitor contemporâneo personifica ainda o terceiro aspecto de ruptura indicado por Chartier: a **ruptura com a ordem das propriedades**. Os novos suportes, ao mesmo tempo em que separaram definitivamente o texto do corpo, aproximaram o leitor do texto, permitindo-lhe recortar, deslocar, colar e recompor suas partes como quiser. Para Emília Ferreiro⁶, no contexto dos teclados, o autor intelectual e o autor material se completam agora com o editor material, e assim, a mobilidade dos textos permite sua constante modificação, numa escrita coletiva, múltipla e polifônica.

A maior liberdade de acesso aos textos tem sido vista como um dos aspectos negativos da materialidade digital, uma vez que esbarra na questão da autoria e edição. Em face dessa possível perda da identidade do autor nos trabalhos digitais, Chartier prevê uma reorganização nas formas de publicação do mundo eletrônico na direção de duas lógicas, que, aliás, já vimos experimentando atualmente: a permanência dos textos abertos e gratuitos paralela a um trabalho editorial fechado, publicado para o mercado, que garanta o regime de propriedade e os direitos de autores e editores.

Como vemos, a revolução eletrônica e as (re)inovações introduzidas pelo texto digital apresentam vantagens e desvantagens que só começaram a povoar as pesquisas científicas. Já se concluiu, porém, que a base para toda a reorganização das práticas sociais e discursivas que temos vivido é a maior possibilidade de **interação**. Interagimos mais com o outro, à medida que podemos nos comunicar eficazmente a distância (em tempo real ou não); interagimos mais com os textos por meio de ferramentas que facilitam a sua produção hipermídia; e interagimos mais com a informação e o conhecimento, tendo acesso a um banco infinito de dados *on-line*.

UM OLHAR PARA O LETRAMENTO DIGITAL

Não obstante serem uma janela aberta para o mundo, as novas maneiras de interagir demandam de seu usuário o domínio de um conjunto de habilidades mais

6 Apud Frade (2007: p. 71)

complexas do que as exigidas pela leitura tradicional, tais como o uso eficiente de ferramentas de busca, a hiperleitura e a interação de múltiplas linguagens na construção do sentido. Tais demandas vêm contribuindo para que conceitos como o de **alfabetização** e **letramento** sejam também reformulados para dar conta de forma mais completa do que vem sendo entendido como ler, compreender e utilizar a linguagem e a língua contemporaneamente.

Alfabetizar, define Magda Soares (2003), é uma ação direcionada à aprendizagem de uma tecnologia, que começa com o manuseio do lápis e vai até a prática de codificar e decodificar por meio de sons e letras. Por esse raciocínio, Frade (2007) elenca algumas capacidades envolvidas nesse processo, tais como reconhecer sons, rimas, sílabas e sufixos, identificando gradativamente as letras que os representam; compreender as diferenças entre letras e outras formas gráficas e saber grafá-las; ou conhecer convenções, como escrever sempre acima e à esquerda do papel e deixar espaços em branco entre as palavras. Dessa forma, associa-se a alfabetização a uma técnica: a de aprender a ler e escrever.

Paralelamente ao domínio de um sistema da escrita da linguagem, o indivíduo precisa saber empregá-lo socialmente, participando ativamente das numerosas e variadas práticas de leitura e de escrita ao seu redor, como ler livros, jornais e revistas, interpretar um texto ou saber escrever uma carta ou telegrama. A essa efetiva utilização da competência alfabética, Soares chama **letramento**, que nas palavras da autora é “o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 2003: p. 47)

Para Goulart (2007), que parte de uma concepção bakhtiniana da linguagem – na qual prevalece a perspectiva da *enunciação* –, o letramento é visto como um fenômeno intimamente relacionado às diferentes classes sociais e esferas do conhecimento, que propõem ou exigem dos sujeitos variadas práticas de leitura e escrita materializadas em gêneros discursivos. Nas palavras da autora, as orientações do letramento são compreendidas como

[...] espectros de conhecimento desenvolvidos pelos sujeitos nos seus grupos sociais, em relação com outros grupos e com instituições sociais

diversas. Esse espectro está relacionado à vida cotidiana e a outras esferas da vida social, atravessadas pelas formas como a linguagem escrita as perpassa, de modo implícito ou explícito, de modo mais complexo ou menos complexo. (p.48)

Goulart entende como condição letrada a “inclusão e participação efetivas dos sujeitos no tecido social que se constitui como conhecimento da chamada variedade padrão da língua e da linguagem escrita” (p.42). Como vemos, a condição do *letrado* por si só está além do que se entende por ser *alfabetizado*, isto é, da capacidade de associar fonemas e sinais gráficos: letrar-se, no dizer de Soares (2003), significa tornar a língua escrita “própria”, ou seja, assumi-la como “propriedade” (p.39).

Embora seja um tema bastante recorrente nas pesquisas acadêmicas, não há consenso entre os autores a respeito da noção de letramento, que é um conceito relativamente novo. Soares (2002) revê algumas definições e termina por defender que haveria não diferentes conceitos, mas diferentes ênfases na caracterização do fenômeno. A proposta da autora é que se pluralize o conceito de letramento, considerando que “diferentes *espaços de escrita* e diferentes *mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita* resultam em diferentes *letramentos*” (p.156, grifos da autora).

Nesse sentido, Soares (2003) afirma que o significado de “ter a língua como propriedade” no contexto das tecnologias digitais vem sendo bastante discutido pelos estudiosos. Já se sabe que a Comunicação Mediada pelo Computador – doravante CMC – ao contrário de ignorar, faz uso do código escrito de modo peculiar; mas de que maneira o domínio e o uso da linguagem são afetados nesse ambiente? Em que aspectos os conceitos de letramento e alfabetização precisam ser modificados em referência ao usuário do computador e da Internet?

Na era digital, mais do que nunca é necessário muito mais do que saber juntar símbolos gráficos para efetivamente participar das relações sociais que envolvem essa modalidade escrita. Como, por exemplo, navegar num texto caleidoscópico como o hipertexto, segundo Lèvy, sem a habilidade de interagir com múltiplas linguagens e uma infinidade de gavetas ou dobras que ampliam o seu sentido? Como se comportar

diante da possibilidade de editar os próprios textos de forma muito mais criativa, dispondo de múltiplas fontes, tabelas, gráficos, imagens, sons etc?

Segundo Frade (2007), o termo alfabetização, embora etimologicamente relacionado às letras, desloca-se para outras áreas para tratar do ensino de outros códigos. É assim que encontramos o termo alfabetização audiovisual, associado à aprendizagem de linguagens que envolvem som e imagem; ou analfabetismo digital, termo empregado nos discursos atuais em referência ao não domínio do uso do computador.

Podemos, então, identificar convergências e divergências entre o conceito original alfabetização e a atual adaptação alfabetização digital, considerando que sujeitos alfabetizados podem não ter habilidade com o uso dos novos suportes, e são, portanto, considerados analfabetos digitais – é o caso de muitos professores. Pelo mesmo raciocínio, observa-se que sujeitos analfabetos ou ainda não alfabetizados podem demonstrar competência no uso dos suportes eletrônicos, e, assim, serem considerados alfabetizados nesse aspecto – como ocorre com muitas crianças que têm acesso a esses materiais antes ou durante o início da escolarização. Nas palavras de Frade (2007):

[...] o conhecimento dos usos, numa sociedade em que a tecnologia está disseminada nas imagens da mídia e no cotidiano dos centros urbanos, antecede uma alfabetização digital de crianças e adultos. Por outro lado, pode-se afirmar que a aprendizagem dos gestos dessa nova escrita é uma forma de “alfabetização” necessária para que o escritor/leitor se torne usuário efetivo da tecnologia. (p.74)

Discutindo a contribuição do computador como auxiliar no processo de alfabetização de crianças, a mesma autora defende que antes mesmo de que tenham a capacidade de ler e escrever autonomamente, as crianças devem compreender o aspecto social do uso do computador, que permite a interação através de múltiplas práticas discursivas. Essa compreensão e reflexão sobre o aspecto social da CMC, de modo análogo à reflexão em torno das práticas discursivas possíveis na cultura impressa, está relacionada a um conceito de letramento.

Para Soares, o letramento digital seria

um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e escrita no papel. (SOARES, 2002, p.141, grifos da autora)

A começar pelo manuseio do suporte, que exige uma habilidade bem mais complexa do que simplesmente segurar um lápis, letrar-se no mundo digital também significa estar apto a buscar informações numa enciclopédia virtual, enviar um e-mail, preencher formulários on-line, ler jornais e revistas em versão home-page e até “bater papo” com um amigo, considerando-se que tais práticas necessitam de novas habilidades, conhecimentos e comportamentos, não obstante terem o mesmo objetivo da cultura anterior – comunicar-se e interagir socialmente.

O estudo de um letramento digital está em processo de discussão na literatura, juntamente com outros efeitos das tecnologias na sociedade. Concordamos com Soares (2002) que afirma ser este um fenômeno relacionado aos processos de aquisição de conhecimento envolvidos na escrita e na leitura de hipertextos, cujas conseqüências se estendem ao âmbito social, cognitivo e discursivo dos indivíduos. Já se concluiu que tais ferramentas não são uma ameaça às línguas, e só fazem enriquecer as formas de interação social, bem como a organização dos textos em gêneros, uma vez que as novas tecnologias nos levaram a ler e escrever muito mais. Marisa Lajolo afirma à Revista Língua Portuguesa (n.5, 2006) que essa forma de escrita é completamente inofensiva e inventiva, e estaria associada à própria diversidade de usos e funções da linguagem.

Como vimos, o letramento digital vai ao encontro dos aspectos de ruptura da revolução eletrônica de que trata Chartier e, conseqüentemente, é perpassado por novas perspectivas de leitura, de leitor e de texto. Nesse sentido, também a abordagem dos gêneros textuais é ampliada em função de novas materializações textuais no contexto eletrônico, como o e-mail, o blog, os chats, entre outros.

Atravessados pela maneira dinâmica e interativa de comunicar e produzir textos própria dos novos suportes, tais gêneros não são mais distribuídos entre objetos diferentes – o livro, o diário, a revista etc –, mas chegam ao leitor unicamente pela tela do computador, evoluindo com maior rapidez e versatilidade em relação aos gêneros

textuais. Poder-se-ia dizer que há uma correspondência entre estes e aqueles – como a carta ou o bilhete em relação ao e-mail, por exemplo –, mas é preciso considerar que não é apenas a estrutura dos gêneros anteriores que se reorganiza no contexto eletrônico, e sim toda uma relação com o suporte, a linguagem e os interlocutores; não há uma mera sobreposição, “pois as novas tecnologias não mudam os objetos, mas as nossas relações com eles”. (MARCUSCHI, 2005, p.18).

Os gêneros emergentes atendem a demandas que já existiam socialmente – conversar, enviar correspondência, entrevistar, debater um assunto; ocorre que são modificadas por materializarem-se em outro ambiente – o eletrônico e virtual – e a partir de outros suportes – o computador e ferramentas hipermídia. Mais do que mera assimilação, trata-se de uma reinterpretação do gênero assimilado num novo ambiente e suporte, fenômeno que Araújo (2005) chama de transmutação.

Assim, nesse contexto ao qual é inerente a interconexão e o hibridismo entre múltiplas semioses, entre oralidade e escrita, entre realidade e virtualidade, é toda uma relação com o suporte, os gêneros textuais e a linguagem que é reinaugurada e reinterpretada. Na verdade, não só os textos são transmutados para um novo ambiente de produção; os próprios sujeitos se inserem virtualmente nesse contexto, vindo-se em meio a novas interfaces que envolvem novas percepções, conhecimentos e valores para interagir socialmente, o que os obriga a novos comportamentos e posturas desenvolvidos conforme evoluem no seu letramento digital. Em síntese,

O fato é que o leitor, cada vez mais letrado, deve ganhar a versatilidade de lidar com todos os gêneros, de maneira que não tenha a sensação de completo estranhamento quando tiver contato com novas possibilidades de texto ou de suporte. (Ribeiro, 2007:135)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como o códex, em substituição ao pergaminho, possibilitou uma nova relação entre a obra, o objeto, o escritor e o leitor, também o texto eletrônico reinaugura esse ciclo, inclusive em sua relação com a própria escrita. Como Chartier (2002) apontou, a revolução do texto eletrônico é uma transformação profunda nas relações com a cultura

escrita, pois atinge a produção dos textos, o suporte do escrito e as próprias práticas de leitura. Daí a necessidade de se repensarem conceitos como o de texto, leitura, leitor, gêneros textuais e letramento sob uma perspectiva cibercultural.

Essa reflexão pode contribuir não só para a compreensão dessas mudanças que aceleradamente perpassam nossas práticas sociais cotidianas, mas para amenizar certa inquietação própria do contato com o novo. Estudiosos dos efeitos das tecnologias sobre o mundo contemporâneo atentam que a “tecnoangústia” é vivenciada não só por aqueles que não tem prática com os novos suportes; também por quem vê seus conhecimentos tornando-se obsoletos em um curtíssimo espaço de tempo.

Segundo Goldberg (2001), fatores como a velocidade, a complexidade, a obsolescência e a convergência próprios das tecnologias da informação são responsáveis por essa angústia. O autor, porém, alerta que essa ansiedade e inquietação diante das novas tecnologias da informação sinalizam que precisamos aceitar a necessidade de mudança e superar os medos que nos impedem de realizá-la para obter êxito com a tecnologia, e não apesar dela. (GOLDBERG, 2001: 57)

É no movimento de mudança e adaptação, inerente à própria essência da cultura, no dizer de Lèvy, e à própria aprendizagem humana, que vivenciamos o letramento digital, que aliás,

(...) além de simplificar a experiência com objetos de leitura, também deve possibilitar que o leitor deduza e explore o que pode haver de híbrido e reconhecível em cada gênero ou em cada suporte, e assim, manipulá-lo como quem conquista, e não como quem tem medo. (Ribeiro, 2007:136)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. A conversa na web. O estudo da transmutação de um gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.). Hipertexto e gêneros digitais. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 91-109.

BEZERRA, Benedito Gomes. Do manuscrito ao livro impresso: investigando o suporte. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Orgs.). Texto e discurso sob múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.9-37.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FRADE, Isabel Cristina A. da Silva. Alfabetização Digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com a aprendizagem inicial do sistema de escrita. In: COSCARELLI, C. V. & RIBEIRO, A. E. (Orgs.). Letramento Digital. Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte; Ceale: Autêntica, 2007. p. 59-83

GOLDBERG, Beverly. Adeus à tecnoangústia. In: JÚLIO, Carlos Alberto e NETO, José Salibi (orgs.). E-business e tecnologia. Autores e conceitos imprescindíveis. São Paulo: Publifolha, 2001. (Coletânea HSM Management). p. 55-62.

GOULART, Cecília. Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica. In: COSCARELLI, C. V. & RIBEIRO, A. E. (Orgs.). Letramento Digital. Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2 ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007. p. 41-58

LÈVY, Pierre. Ciberultura. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARCONATO, Silvia. A revolução do internetês. Língua Portuguesa. São Paulo, Ano 1, n. 5, p.22-29, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____ & XAVIER, A. C. (Orgs.). Hipertexto e gêneros digitais. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.13-67.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, C. V. & _____. (Orgs.). Letramento Digital. Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2 ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007. p. 125-150.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na ciberultura. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez/ 2002. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 03 jul. 2008.

VIEIRA, Iúta Lerche. Leitura na Internet: Mudanças no Perfil do Leitor e Desafios Escolares. In: ARAÚJO, J. C. (Org.). Internet & Ensino. Novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 244-267.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A. & _____ (Orgs.). Hipertexto e gêneros digitais. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.144-162.

SOBRE A AUTORA

Eveline Coelho Cardoso é professora, graduada em Letras- Português e Literaturas pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP) e Especialista em Língua Portuguesa pela mesma instituição. Participou como bolsista de Iniciação à Docência de projeto acadêmico voltado para a Educação de Jovens e Adultos, segmento de ensino no qual obteve experiência anteriormente atuando na rede estadual do Rio de Janeiro como docente. Atua no Ensino Médio da rede estadual de educação, e nas séries iniciais da rede municipal de Teresópolis. É aluna do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), com ênfase em Língua Portuguesa.